

**A manipulação das mídias de massa e a armadilha do prático-inerte nas redes sociais em
uma perspectiva sartriana**

The manipulation of mass media and the practice-inert trap on social media from a Sartrian
perspective

Fabio Caprio Leite de Castro

Professor do Programa de Pós-graduação em Filosofia da Pontifícia Universidade Católica do
Rio Grande do Sul (PUCRS)

fabio.castro@pucrs.br

<http://lattes.cnpq.br/6516490021035286>

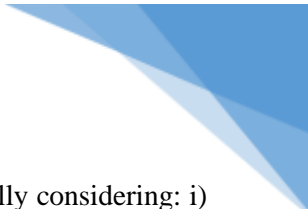
Resumo

As redes sociais tornaram possível um novo tipo de interação social. Trata-se de um modelo rápido e eficaz de comunicação e de exposição em um contexto dialógico virtual de amplo alcance. No entanto, a dimensão sedutora deste tipo de dispositivo se transforma numa verdadeira armadilha para a práxis, submetendo-a, através de discursos ideológicos, a um processo poderoso de alienação. Com base no desenvolvimento teórico da *Crítica da Razão dialética* de Sartre, interroga-se sobre a possibilidade de alcançar a inteligibilidade do uso das redes sociais e de seus efeitos na coletividade. Em um primeiro ponto, faz-se uma descrição de como Sartre emprega dialeticamente o conceito de serialidade em sua abordagem das mídias de massa. A seguir, apresenta-se um ensaio sobre a atualidade da perspectiva de Sartre para a inteligibilidade das redes sociais, especialmente considerando: i) a popularização dos programas de televisão, (ii) a transformação provocada pelo “paradigma da informação” e (iii) o uso das telas de celular. Com isso, mostra-se como a perspectiva crítica de Sartre pode ajudar a elucidar o funcionamento serial das redes sociais.

Palavras-chave: Dialética crítica. Serialidade. Prático-inerte. Redes sociais.

Abstract

Social networks have made possible a new type of social interaction. It is a fast and effective model of communication and exposure in a wide-ranging virtual dialogical context. However, the seductive dimension of this type of device becomes a real trap for praxis, subjecting it, through ideological discourses, to a powerful process of alienation. Based on the theoretical development of Sartre's *Critique of dialectical Reason*, we ask about the possibility of achieving the intelligibility of the use of social networks and their effects on the community. First, we make a description about how Sartre dialectically employs the concept of seriality in his approach to mass media. After that, we present an essay about



the relevance of Sartre's perspective for the intelligibility of social networks, especially considering: i) the popularization of television programs, (ii) the transformation brought about by the “information paradigm” and (iii) the use cell phone screens. Thus, the article shows how Sartre's critical perspective can help to elucidate the serial functioning of social networks.

Keyword: Critical dialectic. Seriality. Practice-inert. Social networks.

Introdução


As novas mídias e as redes sociais tornaram possível um novo tipo de interação social. Através da sociabilidade virtual que elas proporcionam se pode acessar informações e serviços de forma imediata, bem como compartilhar informações e imagens, participar de debates, expor convicções e dar publicidade a dados relevantes, muitas vezes íntimos, como interesses e locais de frequência. Qualquer que seja o uso pessoal desses recursos de mídia, é inegável que eles já se tornaram em ampla escala um ingrediente importante da sociabilidade contemporânea.

O problema central que propomos investigar neste artigo se refere à possibilidade de recorrermos à teoria desenvolvida por Sartre na *Crítica da Razão dialética* (1960)¹, a fim de examinar, através dos recursos metodológicos provenientes da dialética crítica, o uso das redes sociais e de seus efeitos na coletividade. É necessário, primeiramente, retomar as análises de Sartre sobre as mídias de massa para, em seguida, na esteira da metodologia sartriana, descrever alguns aspectos do funcionamento das novas mídias e das redes sociais.

Propomos para tanto um percurso em dois tempos. Inicialmente, procuramos mostrar, desde a *Crítica da Razão dialética*, o tipo específico de coletivo produzido pelas mídias de massa – os *coletivos indiretos*, que são definidos pela *ausência*. Essa característica é determinante para o funcionamento serial da mídia e para a sua manipulação através do que Sartre chamou de *extero-condicionamento*. No contexto de publicação da *Crítica*, o rádio foi tomado como modelo de análise. De lá para cá, embora o rádio permaneça sendo um influente veículo midiático, as mídias sofreram uma notável transformação, impulsionadas pelas mais recentes tecnologias da comunicação.

Por isso a proposta, em um segundo ponto, de nos interrogarmos sobre a possibilidade de estender a abordagem sartriana à inteligibilidade das redes sociais, avaliando a sua atualidade. Consideramos que três aspectos são indispensáveis para o exercício de análise que

¹ Nesse sentido, a abordagem do artigo dirige-se à virada dialética no pensamento de Sartre, operada a partir de 1956, circunscrevendo-se à *Crítica da Razão dialética* (1960). Mais do que em qualquer de seus escritos, mesmo *O Ser e o Nada* (1943), é na *Crítica* que Sartre oferece uma teoria filosófica baseada na dialética material sobre o funcionamento das mídias de massa. Para uma periodização do pensamento de Sartre e uma análise detalhada sobre a congruência das novas implicações trazidas pelo paradigma dialético e pelo método progressivo-regressivo em relação à ontologia fenomenológica, conferir: Silva, 2004; Castro, 2016.



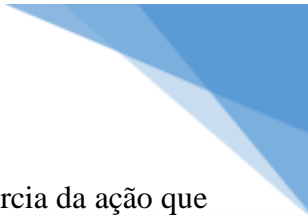
pretendemos desenvolver: i) a popularização dos programas de televisão, (ii) a transformação provocada pelo “paradigma da informação” e (iii) o uso das telas de celular. O exame destes aspectos em uma confrontação com a perspectiva crítica de Sartre pode elucidar o funcionamento serial das redes sociais, advertindo sobre a ilusão de controle e de livre ação que o seu uso provoca, quando se trata de um aparelho mais sofisticado de operação serial e, portanto, de formação de coletivos em massa através de uma submissão silenciosa.

(1) O coletivo, a serialidade e a manipulação das mídias de massa

Neste primeiro ponto, colocaremos em relevo o funcionamento das mídias de massa conforme a abordagem feita por Jean-Paul Sartre no primeiro tomo da *Crítica da Razão dialética*. Esta abordagem se situa em um campo teórico e metodológico específico, que podemos chamar, juntamente com Sartre, de *dialética crítica*, em oposição à dialética dogmática, presa ainda a suposições metafísicas de uma dialética da natureza (inerente aos processos naturais) ou de um determinismo histórico. Quando Sartre, ao longo dos anos 1950, efetua uma “virada dialética”, o seu principal objetivo era fazer uma crítica ao materialismo dialético que havia cedido ao dogmatismo e perdido de vista a capacidade de avaliar o verdadeiro potencial revolucionário da ação comum. Sartre pretendia, portanto, adotar o marxismo com uma atitude crítica, conferindo-lhe uma fundamentação desde a dialética da necessidade (*besoin*), cujo ponto de partida é a práxis e cujo horizonte é a unidade da totalização sem totalizador, ou seja, a história.

De acordo com Sartre, ao perfazer o exame crítico da história, o investigador se vê ele mesmo inserido na *experiência crítica*, na medida em que ele participa do movimento dialético e histórico a ser abordado dialeticamente. Ao longo da experiência crítica, desvelam-se duas formações básicas de conjuntos práticos (*ensembles pratiques*). É importante que as tenhamos em mente para compreender, logo a seguir, o modo como Sartre descreve o funcionamento das mídias.

A primeira formação de conjuntos práticos é o *coletivo* que, antes de tudo, caracteriza-se como “o fundamento de toda sociabilidade” (Sartre, 1960, p. 319). O coletivo rege-se pela intercambialidade de seus membros, por uma unidade que é exterior às próprias relações, como negação da integração dos indivíduos, cuja razão da série é o Outro, enquanto estrutura de ser indiferenciado e intercambiável, comum a todo e qualquer membro. Em outras palavras, o



princípio de formação e de funcionamento do coletivo é a serialidade, pela inércia da ação que retorna sob a forma de exterioridade a cada um de seus membros, a título de *prático-inerte*.

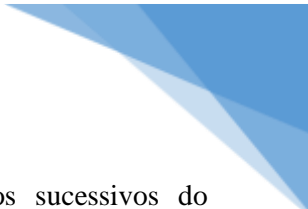
A segunda forma é o *grupo*, que em seu momento fusional é capaz de romper a inércia do coletivo. O grupo em fusão é “a negação da impotência” (Sartre, 1960, p. 633), através do resgate da relação de reciprocidade entre cada participante, ou seja, através das mediações produzidas por cada um enquanto terceiro, transformando a livre ação (antes oculta pela vivência no coletivo) “em livre ação comum” (Sartre, 1960, p. 407).

É evidente que tudo isso é mais complexo. Há diversos tipos de coletivos, regidos por modos peculiares de serialidade, com formação/dissolução mais rápida ou mais lenta. Do mesmo modo, o próprio grupo em fusão, no seu interior, encontra a necessidade de se valer da inércia, em dado momento dialético, a fim de dar continuidade à ação comum de forma controlada, cedendo pouco a pouco a formas mais organizadas e hierarquizadas de grupo e, finalmente, à instituição, que sequestra a soberania da práxis comum vivenciada integralmente no grupo em fusão.

Os dois movimentos que constituem o tomo I da *Crítica da Razão dialética* podem levar o leitor a uma espécie de pessimismo no que diz respeito à sociabilidade humana. O percurso dialético proposto por Sartre pode ser interpretado como se a práxis individual, tomada como ponto de partida, desvelasse a cada momento a sua recaída como *prático-inerte* nos diversos setores da materialidade e sobre as formas mais complexas de sociabilidade. Se assim o fosse, não haveria escapatória à alienação e aos processos que amarram e sufocam a ação comum, sob pretexto da ordem e do servilismo institucional. Em outras palavras, ainda que a práxis comum, em dado momento dialético, se produza como irradiação de uma potência deflagrada contra a inerte estabilidade instalada sob o signo da escassez, os momentos seguintes a conduziram, inexoravelmente, à institucionalização e à burocratização.

No entanto, não entendemos que a *Crítica* deva ser lida dessa forma. Primeiramente, o percurso da experiência crítica deixa claro que a sociabilidade, como a conhecemos hoje e na qual estamos inseridos, constitui-se em totalizações complexas envolvendo diversos conjuntos práticos e forças em relação, através das quais a série influencia o grupo e o grupo influencia a série. Nesse sentido, sigo a perspectiva desenvolvida por Paulo Perdigão, em *Existência e Liberdade*:

A noção de “sociedade” como um todo é artificial, tende a mascarar a realidade da vida social. Na verdade, o conjunto social é uma mistura de coletividade serial e grupos contidos em um mesmo espaço e que se relacionam entre si. Evidentemente, a série, o grupo-em-fusão, o grupo



organizado, o grupo institucional etc., não são estados sucessivos do desenrolar histórico, mas coexistem a cada momento.


(...) As complexas relações entre séries e grupos denotam uma influência recíproca de uns sobre outros, um duplo movimento de ação e reação mútuas. Tais relações giratórias entre séries que se tornam grupos e grupos que se tornam séries constituem a realidade concreta da sociabilidade. (Perdigão, 1995, pp. 250-251).

Além disso, quando Sartre passa do prático-inerte à práxis comum, e desta à recaída institucional no prático-inerte, ele apresenta o percurso de várias etapas do processo dialético em uma abordagem sincrônica formal. A efetiva passagem à história exigiria uma abordagem concreta. Sartre deixou bastante claro, no capítulo final da *Crítica*, intitulado “A experiência dialética como totalização: O nível do concreto, o lugar da História”, que seria necessária uma abordagem concreta da luta, na perspectiva diacrônica da História (Sartre, 1960, pp. 754-755). O projeto de seguir em direção à *inteligibilidade da história* foi iniciado por Sartre, porém não foi concluído. O seu manuscrito teve uma publicação póstuma (Sartre, 1985).

Esses apontamentos hermenêuticos iniciais sobre o projeto da *Crítica* e as duas formas básicas de agrupamento têm por objetivo assinalar uma perspectiva mais geral com a qual podemos hoje pensar o desenvolvimento da *Crítica da Razão dialética*. Desta interpretação decorre a possibilidade de leitura da *Crítica* como um modelo de abordagem que coloca em evidência, desde a experiência crítica, a dialética entre pensamento e ação, entre o abstrato e o concreto, com vistas, finalmente, a demonstração da possibilidade de realização da ação revolucionária.

A ação revolucionária produz-se no grupo em fusão. Essa parece ser a principal mensagem de Sartre na *Crítica da Razão dialética*. A ação revolucionária não se produz jamais como recurso às massas, lugar da manipulação pelo condicionamento serial. O ponto antípoda ao grupo em fusão, nas formas de sociabilidades habituais das nossas sociedades é o coletivo. É nesse campo, precisamente, que Sartre apresenta o desenvolvimento acerca das mídias de massa. O modelo que Sartre escolhe para fazer sua abordagem das mídias é o das transmissões radiofônicas. Os ouvintes do rádio constituem um coletivo, vejamos em que sentido.

Em geral, encontramos e fazemos parte de coletivos diariamente em nosso cotidiano. São exemplos disso o conjunto de passageiros de um ônibus ou de pessoas em uma fila de espera. Alguns desses agrupamentos com estrutura serial comportam neles mesmos a possibilidade de uma brusca e imediata transformação em uma práxis unitária. Nesse sentido, um acidente pode bruscamente constituir-se em chamado à ação comum. Ou, no caso de uma



fila de famintos em frente a uma padaria, em período de escassez, por urgência, pode-se realizar uma ação comum a fim de conseguir um pouco de comida.

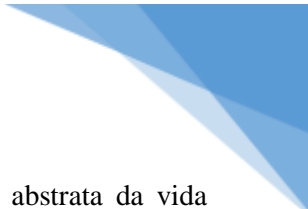
Nestes exemplos dos passageiros ou da fila de famintos, é possível perceber os seus membros de forma agrupada e determinada. No entanto, há objetos prático-inertes de estrutura definida que constituem, através de uma multiplicidade indeterminada de seres humanos um agrupamento que Sartre chamou de *indireto* (Sartre, 1960, p. 320). Esses agrupamentos são definidos pela *ausência*, tipicamente o que ocorre com a formação dos coletivos das mídias de massa.

Por ausência eu não entendo tanto a distância absoluta (em uma sociedade dada, em um momento dado de seu desenvolvimento) que só é, em realidade, uma vista abstrata mas a impossibilidade para todos os indivíduos de estabelecer entre eles relações de reciprocidade ou uma práxis comum enquanto eles são definidos por esse objeto como membros do agrupamento. Importa pouco, com efeito, que tal ouvinte do rádio possua ele mesmo um posto emissor e possa, enquanto indivíduo, colocar-se em relação, mais tarde, com tal outro ouvinte de uma outra cidade ou de um outro país: o fato mesmo de escutar o rádio, ou seja, de receber a tal horário tal emissão, estabelece uma relação serial de ausência entre vários ouvintes. (Sartre, 1960, p. 320).

Para Sartre, o objeto prático-inerte, descrito através do exemplo do rádio, vale para todas as mídias: “Neste caso, o objeto prático-inerte (isso é válido para tudo o que se chama de *mass media*, não produz somente a unidade fora de si na matéria inorgânica dos indivíduos: ele os determina na separação e assegura, enquanto estão separados, *a sua comunicação pela alteridade*”. (Sartre, 1960, p. 320). O rádio é, portanto, uma espécie de modelo dos processos midiáticos. Mesmo que se possa escrever, protestar, aprovar, felicitar, ameaçar, todas essas ações são apenas em certa medida um contrabalanço à passividade do ouvinte. Além disso, se os rádios representarem o ponto de vista institucional, do governo ou de um grupo empresarial, qualquer ação dos ouvintes ficará sem efeito.

Ao chamar a todos de “caros ouvintes”, o emissor constitui os ouvintes como objeto da práxis, ou seja, como uma relação unívoca de interioridade, tal como o organismo que age em um ambiente material, no entanto, cada um está nele a título de objeto inerte, submetido como inorgânico ao trabalho humano da voz. O que se pode fazer, afinal, como ouvinte?

Eu posso, se eu quiser, virar o botão, desligar o aparelho ou trocar de emissão. Mas é aqui que aparece o agrupamento à distância. Pois essa atividade puramente individual não muda absolutamente nada do trabalho real desta voz. Ela continuará a ressoar nos milhares de quartos para milhões de



ouvintes. Sou eu que me precipito na solidão ineficaz e abstrata da vida privada sem nada mudar na objetividade. (Sartre, 1960, p. 321).


Sobretudo no caso de emissões ideológicas, é a própria voz que se pretende calar, na medida em que ela continua a incomodar os Outros que ainda a escutam. Ou seja, a voz se torna insuportável na medida em que ela é escutada por outros. Supondo ainda que o ouvinte esteja seguro de si e seja uma pessoa de ação: não é apenas a impossibilidade de calar uma voz que configura a sua impotência. É a ausência como seu modo de ligação aos Outros que determina a impossibilidade de convencer um a um os ouvintes “que ela exorta juntamente nessa solidão em comum que ela criou para todos como sua ligação inerte”. (Sartre, 1960, p. 322).

Em outras palavras, relativamente às *condutas de ouvinte* o que se experimenta é a impotência – indignação, risos irônicos, furor impotente, fascinação, entusiasmo, necessidade de comunicar-me com outros, escândalo, medo coletivo.

É importante perceber que estamos falando, quando tratamos de emissões com conteúdo político, de uma circularidade serial, de processos que *sustentam* e que são *resultantes* das mídias de massa. De um lado, a voz do emissor (que se torna uma voz anônima com a reciprocidade destruída) aparece como o resultado de uma práxis política sustentada por um ramo serial de ouvintes; de outro lado, a influência que ela pretende exercer sobre hesitantes ou neutros é igualmente serial. O que nesse caso não é serial é a ação do governo e suas atividades de propaganda. Tudo o mais recai na serialidade. Mesmo uma contrapropaganda que visasse diretamente a essa emissão ideológica teria, obrigatoriamente, de se adaptar à estrutura serial que os *mass media* lhe impuseram.

O que podemos perceber até aqui, desta primeira parte da exposição, é que Sartre descreve as mídias de massa através de seu *funcionamento serial*. Não apenas o rádio, que ele toma como exemplo, mas os jornais, as revistas e, mais recentemente, a televisão, fundam-se em uma mesma lógica de tipo serial. Uma vez que os *mass media* são estruturados sob a lógica da serialidade, eles se tornam um meio privilegiado à disposição do soberano, não apenas pelo fator eminentemente comunicativo, mas porque, assim como o controle sobre uma estrada ou canais levam ao controle sobre o transporte, são as mídias que asseguram e permitem controlar a comunicação. (Sartre, 1960, p. 591).

Além disso, é preciso sublinhar que os *mass media* dão ensejo e impulsionam o que Sartre chamou de *extero-condicionamento*, enquanto utilização por parte de um grupo determinado da ação recíproca de certas séries, umas sobre as outras, sem que se percebam vítimas de manipulação, valendo-se especialmente dos *mass media*.




Através do extero-condicionamento o grupo soberano se vale da divisão serial, ao invés de tomá-la como uma ameaça. Nesse sentido, como sublinha Vinícius dos Santos, no recente artigo “Vida serial, êxtero-condicionamento e ideologia: uma análise dos *mass media* pela ótica de Sartre”, a racionalidade desta operação se sustenta “na necessidade que sofre o grupo soberano – surgido no seio da instituição por conta de sua impotência em superar a serialidade – de manter uma unidade social apoiada nas próprias séries em suas determinações recíprocas”. (Santos, 2017, p. 109). Vinícius dos Santos evoca ainda o exemplo da “lista dos discos mais vendidos” apresentado na *Crítica*, com o qual Sartre relembra a sua passagem pelos EUA em 1946 (Santos, 2017, p. 108). Com efeito, através deste exemplo, Sartre pretende ilustrar como a apresentação da lista dos discos mais vendidos opera de forma circular, reforçando ainda mais a venda do que se pretende vender. Por esse artifício, realiza-se “a ação mediadora do grupo que condiciona cada outro por todos os Outros, fascinação prática de cada um pela ilusão da serialidade totalizada” (Sartre, 1960, p. 615).

Podemos ainda acrescentar mais alguns exemplos trazidos por Sartre: as variações anuais de um vinho *beaujolais*, o prêmio da canção, o prêmio do disco (Sartre, 1960, p. 617 e s.). Há em todos esses casos uma unificação transcendente que unifica e condiciona a produção e que induz a um comportamento serial. O cardinal se transforma em ordinal e a quantidade em qualidade: uma típica ação estrutural da propaganda e da publicidade, que ao longo dos processos de venda, constitui assim as “preferências”. Na realidade, esta é a ação de um grupo, que opera à distância e se apresenta como unidade soberana incontestada, de tal forma que o Outro, como indivíduo alienado, seja incapaz de contestá-la praticamente.

Existe, portanto, a esse nível dialético da operação do grupo soberano sobre as mídias, um condicionamento sobre cada um agindo sobre os Outros. No entanto, para se criar uma quase-unidade passiva de extero-condicionamento é necessária uma dose manipuladora de fascinação, que funciona como uma armadilha para a coletividade de ouvintes.

É necessário fascinar cada Outro por esse falso semblante: a totalização das alteridades (ou seja, a totalização da série). A armadilha do extero-condicionamento está aí: o soberano projeta agir sobre a série de maneira a lhe arrancar na alteridade mesma uma ação total; mas esta ideia de totalidade prática, ele a produz como possibilidade para a série de se totalizar, restando como a unidade fugidia da alteridade, enquanto a única possibilidade de totalização que permanece ao agrupamento inerte é dissolver nele a serialidade (Sartre, 1960, p. 615).

Podemos então elencar algumas conclusões prévias neste primeiro ponto acerca das mídias de massa de acordo com a dialética crítica de Sartre: (1) os *mass media* aparecem à



experiência crítica no âmbito da formação de coletivos; (2) a estrutura dos *mass media* é tipicamente uma estrutura serial – torna-se possível pela serialidade e se volta para a serialidade; (3) a razão da série é a alteridade, no sentido da intercambialidade, que neste caso amplifica a impotência pela relação de ausência; (4) o poder institucional e os grupos soberanos se servem dos *mass media* para criar uma quase-unidade passiva de extero-condicionamento e assim operam um controle sobre as coletividades, servindo-se da própria serialidade e da ilusão da serialidade totalizada, sem que todos se percebam vítimas da manipulação.

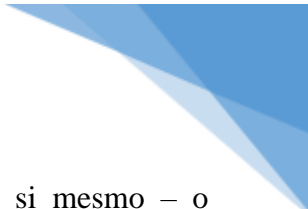
(2) A serialidade e o prático-inerte no contexto das redes sociais

A interrogação que pretendemos estabelecer e desenvolver doravante diz respeito à pertinência de uma abordagem crítica das mídias de massa no tempo presente, em conformidade com o modelo dialético sartriano. De 1960 aos nossos dias, sessenta anos se passaram. A massificação da cultura global sofreu as mais diversas influências e imposturas do fenômeno pop. Novas tecnologias empregadas de forma interconectada e inteligente levaram à produção de novos aparelhos. As telas são acessíveis potencialmente a tudo e a todos. Será, então, que a abordagem de Sartre seria ainda legítima diante das novas realidades tecnológicas? Formam as redes sociais uma nova forma de interação, exigindo um desdobramento dialético das formas de sociabilidade e agrupamento?

A fim de explorar essas questões, seria necessário colocar em evidência os contornos do fenômeno contemporâneo das mídias de massa. Não se trataria de apresentar exhaustivamente, no contexto deste artigo, uma descrição ou uma avaliação de dados quantitativos das mídias contemporâneas, mas de apresentar, a partir de seus mais importantes traços, uma reflexão sobre as novas experiências midiáticas na esteira da dialética crítica sartriana.

Três aspectos são manifesta e inegavelmente importantes nas novas mídias: (i) a popularização dos programas de televisão, (ii) a transformação provocada pelo “paradigma da informação” e (iii) o uso diário das telas de celular desde a invenção dos *smartphones*. São estes aspectos que pretendemos colocar em evidência e analisar desde a perspectiva sartriana.

A popularização dos programas televisivos é uma realidade em nossos dias. Recorremos brevemente à obra de Alain Ehrenberg, que deu relevo ao modo como o fenômeno televisivo influenciou o imaginário social dos anos 1980 e 1990. Segundo o sociólogo francês, houve uma profunda e intensa participação da mídia – especialmente da televisão – na formulação e na construção da figura do “qualquer”, do “qualquer um”, precisamente aquele que seria, como




um indivíduo qualquer, capaz de perseguir o próprio desejo de se tornar si mesmo – o empreendedor de si mesmo. No livro *O indivíduo incerto*, toda a segunda parte é dedicada a apreender como se realiza a incitação à construção da imagem de si pelo veículo midiático que, naquele momento, estava à frente de todos: a televisão (Ehrenberg, 1995).² Competição desportiva, empresa e aventura: esses três aspectos passaram a se interconectar como ideais discursivos na produção televisiva.

Ao longo dos anos 1980 e 1990, um novo passo é dado. Programas como *Psy-show* (apresentado pelo psicanalista Serge Leclair), promovia terapias “ao vivo”. Não que uma cura fosse ali esperada, tudo se passava no campo da distração e do entretenimento. O que mudou com essa atração é o modo como o programa se estrutura, a participação de pessoas comuns, a possibilidade de comunicação com o público e a exposição da intimidade. Marca-se uma nova etapa da cena midiática, tornando público o privado e expondo processos de negociação e decisão. Ehrenberg defende a tese de que a televisão, mesmo restando como uma distração de massa, entrou na era da mediação relacional: “Para além dos reality-shows, assenta-se um paradigma televisual que alia sonhos e evasão à fábrica da individualidade” (1995, p. 168). Nesse sentido, os *reality shows* somam-se aos *talk-shows* no espetáculo do privado. Na nova configuração promovida pela televisão desde os anos 1980 e 1990, o telespectador torna-se um “aluno, cidadão e consumidor” (1995, p. 209). Ehrenberg já expressava naquela época o receio de que um individualismo apoiado sobre psicotrópicos e sobre o terminal relacional (televisão) possibilitasse uma “sociedade sem política”. (1995, p. 309).

Seguindo as pistas da análise efetuada por Ehrenberg, questionamos se os formatos televisivos populares produziram algo de estruturalmente novo no que tange ao “extero-condicionamento” descrito por Sartre? A partir dos anos 1980 e 1990, tornaram-se cada vez mais populares os *talk shows*, *reality shows*, programas interativos, séries, concursos de música e outros concursos que, a cada dia, a cada noite, repetem insistentemente o mantra de que cada um, assim como cada outro, deve ser o vencedor tal como o atleta, deve ser único como o aventureiro ou o empresário, deve tornar-se “quem ele é”, ao preço da desilusão inexorável que sucede a semelhante imperativo irreal.

Ao que tudo parece indicar, nem mesmo as mais modernas produções de *reality shows* e de *talk shows*, com a participação cada vez mais intensa dos telespectadores, modificaram a configuração da dinâmica serial e prático-inerte das mídias de massa, tal como ela foi descrita

² Já no livro *O culto da performance* (Ehrenberg, 1991), a produção televisual havia sido tratada pelo autor, mas é em *O Indivíduo Incerto* que a questão é, de fato, aprofundada.



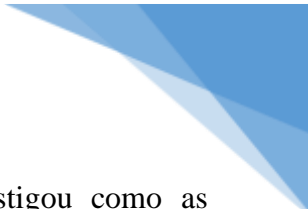
por Sartre. Por causa das novas formas de interação com o público, pode-se ter a impressão que o participante exerce a sua participação de forma livre. No entanto, não se trata de uma ação, senão da imagem de uma práxis já assimilada pela estrutura da programação. Com efeito, os telespectadores se veem potencialmente encarnados naquele que decide participar, mas isso reforça a ilusão de uma livre participação e manifestação do telespectador, na medida em que esta operação é um mecanismo antecipado e serialmente integrado à difusão do programa.

Desta forma, os processos de extero-condicionamento que Sartre havia descrito na *Crítica* seguem sendo reproduzidos em um grau de complexidade e profundidade ainda maior. Quanto maior a ilusão de liberdade da participação do “indivíduo qualquer” nos programas televisivos, maior a adesão e a submissão dos telespectadores aos recursos discursivos que lhe são apresentados. Se o rádio já era utilizado pela classe dominante e pelo Estado em seus mecanismos de extero-condicionamento, *a fortiori* ocorre com a televisão.

O segundo aspecto que colocaremos em relevo é o que o sociólogo espanhol Manuel Castells chamou de “paradigma da tecnologia da informação”, resultante, nas últimas décadas, de uma notável transformação dos aparelhos de comunicação através da explosão de novas tecnologias. De acordo com Castells (2002, pp. 78-79), o “paradigma da tecnologia da informação” pode ser definido pelas seguintes características: (1) trata-se de tecnologias para agir sobre a informação (não apenas informação para agir sobre a tecnologia); (2) penetrabilidade dos efeitos das novas tecnologias; (3) lógica de redes (em qualquer sistema ou conjunto de relações); (4) baseia-se na flexibilidade (não apenas os processos são reversíveis, mas organizações e instituições podem ser modificadas, e até mesmo fundamentalmente alteradas, pela reorganização de seus componentes); (5) crescente convergência de tecnologias para um sistema altamente integrado (microeletrônica, as telecomunicações, a optoeletrônica e os computadores são todos integrados nos sistemas de informação).

Em sua famosa trilogia *A sociedade em rede*, escrita entre 1996 a 1999, Castells questiona por que a televisão se tornou o modo predominante de comunicação, ou seja, enquanto mídia de massa ou grande mídia. Sua resposta aproxima-se das análises de Ehrenberg que há pouco evocamos.

O fato de a audiência não ser objeto passivo, mas sujeito interativo, abriu o caminho para a sua diferenciação e subsequente transformação da mídia que, de comunicação de massa, passou à segmentação, adequação ao público e individualização, a partir do momento em que a tecnologia, empresas e instituições permitiram essas iniciativas (Castells, 2002, p. 362).



Voltando-se para as redes e a sociedade em rede, Castells investigou como as tecnologias desenvolvidas após a Segunda Guerra tornaram possível novas formas de comunicação. “Na segunda metade da década de 90, um novo sistema de comunicação eletrônica começou a ser formado a partir da fusão da mídia de massa personalizada globalizada com a comunicação mediada por computadores”. (2002, p. 387). De acordo com Castells, um salto unificou as tecnologias satelitária, telefônica, eletrônica, computacional e televisual, dando ensejo aos novos recursos comunicativos que surgiram na década de 1990.


Quando da publicação da *Sociedade em Rede*, ainda não haviam sido exploradas no mercado as tecnologias dos novos aparelhos celulares com tela. Não obstante, a transição para estas tecnologias já havia sido iniciada, de modo que Castells foi capaz de examinar o funcionamento do sistema de comunicação que gera a virtualidade real.

É um sistema [de comunicação] em que a própria realidade (ou seja, a experiência simbólica/material das pessoas) é inteiramente captada, totalmente imersa em uma composição de imagens virtuais no mundo do fazer-de-conta, no qual as aparências não apenas se encontram na tela comunicadora da experiência, mas se transformam na experiência. Todas as mensagens de todos os tipos são incluídas no meio porque este fica tão abrangente, tão diversificado, tão maleável, que absorve no mesmo texto de multimídia toda a experiência humana, passado, presente e futuro (...) (Castells, 2002, p. 395).

Sob esse novo prisma, que envolve a captação das imagens e armazenamento de dados através da inteligência artificial, podemos nos questionar se a conectividade constante de todos à Internet, bem como a alimentação constante de dados nas redes sociais e *Whatsapp* não escapariam à serialidade das grandes mídias, operando assim sob uma outra lógica. Entretanto, esse questionamento nos conduz ao terceiro aspecto que pretendemos colocar em evidência.

Os novos sistemas de conectividade dos indivíduos em redes sociais virtuais oferecem ao usuário uma capacidade de participação imediata na produção de conteúdo e na troca de informações. Poder-se-ia afirmar que as análises empreendidas por Sartre tendo por base a metodologia dialética não teriam alcançado um tal modo de interação e relacionamento virtual, no qual o indivíduo se vê capacitado a responder e a participar ativamente dos processos comunicativos via computador e *smartphone*. Essa afirmação seria verdadeira, não fosse ilusório o seu modelo de ação.

O fato de que o indivíduo seja potencialmente motivado a clicar para manifestar a sua posição, as suas preferências e mesmo suas escolhas no mundo material somente pode ser compreendido quando se percebe que esta ação de clicar obedece ao funcionamento da rede social. E esta captura se processa em diversos níveis: (i) a ação torna-se um fazer virtual, (ii)



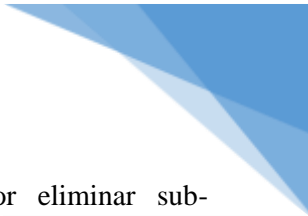
um novo modelo de imagem de si e de comunicação se produz, (iii) os dados informados são imediatamente registrados por um enorme aparato de inteligência artificial. À medida que a ação é capturada pelo estímulo altamente atrativo da tela e da possibilidade de se fazer imagem virtual de si, é o indivíduo que se deixa levar por seu aparelho. O indivíduo e o seu aparelho – em uma nova e reforçada esfera de individualismo –, é o protótipo da serialidade das novas mídias de massa, ou seja, da fragmentação que leva a singularidade a se transformar no fator quantitativo do “mais um”, reconduzindo a práxis ao prático-inerte.

Se a televisão trouxe novas camadas de serialização e novas possibilidades de controle externo, justamente porque os indivíduos podem participar e interagir visualmente e de forma mais intensa nos programas televisivos, este processo aprofundou-se ainda mais com as mídias relacionadas aos *smartphones*. Tecnologias mais potentes e avançadas formas de armazenamento de dados através do *machine learning* da inteligência artificial operam de maneira mais sofisticada sob o controle do extero-condicionamento. Nesse sentido, o cálculo de probabilidades operado pelos algoritmos a fim de levar ao consumidor os produtos que lhe irão interessar, precisamente com base nos seus padrões de comportamento, assemelha-se à circularidade dos processos de extero-condicionamento descritos por Sartre, com uma complexidade e sofisticação tecnológica muito maior.

Em um pequeno texto, *Sobre a tela total*, de 1999, Jean Baudrillard fala das ameaças trazidas pelas novas tecnologias das telas. Talvez a principal ameaça seja que, na “abolição da distância” em que opera a virtualidade, tudo possa ser afirmado e nada possa ser refutado.

Vídeo, tela interativa, multimídia, Internet, realidade virtual: a interatividade nos ameaça de toda parte. Por tudo, mistura-se o que era separado; por tudo, a distância é abolida. (...) Pela abolição da distância, do “*pathos da distância*”, tudo se torna irrefutável. (...) Por toda parte onde opera essa promiscuidade, essa colisão dos polos, há massificação”. (Baudrillard, 1999, pp. 145-146).

É importante compreender o que seriam esses traços de massificação e de eliminação das distâncias, seguindo a análise de Baudrillard. Não há dúvida de que os produtos, programas, aplicativos e todas as novas formas de rede obedecem a um mesmo princípio da massificação. Por outro lado, é preciso que cada um se sinta, na virtualidade impalpável, único em si mesmo. É nesse campo que as redes sociais operam. No entanto, Baudrillard fala em “abolição da distância”. Seria esta abolição o contrário daquilo que Sartre descrevia como a característica da “ausência”, típica das mídias no séc. XX? A resposta é negativa, pois a abolição da distância é, na realidade, uma *eliminação virtual* da distância.



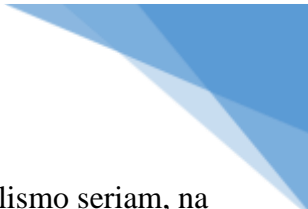
A virtualidade aproxima-se da felicidade somente por eliminar subrepticamente a referência às coisas. Dá tudo, mas sutilmente. Ao mesmo tempo, tudo esconde. O sujeito realiza-se perfeitamente aí, mas quando está perfeitamente realizado, torna-se, de modo automático, objeto; instala-se o pânico. (Baudrillard, 1999, p. 148-149).

A eliminação das distâncias, se mantivermos uma perspectiva sartriana, é meramente ilusória. No entanto, é sob essa forma ilusória – ou seja, de alienação – que operam as redes sociais. Entendemos alienação aqui no sentido sartriano, como bem a define Carlos Eduardo de Moura: a alienação “é um modo de relação do sujeito com a sociedade e consigo, é o sujeito concreto vivendo-entre-outras-consciências e relacionando-se constantemente, consigo, com o outro e com o mundo para que possa produzir-se como pessoa.” (Moura, 2017, p. 112).

Tomando-se as formas básicas de agrupamento na dialética crítica (os coletivos e os grupos), as redes sociais não são propriamente uma nova forma de interação social, senão de um novo tipo de *experiência*, regida pela lógica da serialidade e da formação de coletivos em massa. Essa experiência, denominada “virtual”, mas que no fundo incide sobre o real e dele depende, é potencialmente criadora de ilusões, precisamente pelo seu recurso contínuo à imagem. O espaço “virtual”, o “site” e a “comunidade” são metáforas territoriais, assim como as “nuvens” permitem armazenar uma quase infinita soma de dados: de modo rarefeito, estão em lugar nenhum, mas rumando para o controle total através do extero-condicionamento.

É ainda necessário, ainda que brevemente, assinalar a relação entre o aumento da serialidade através das novas tecnologias de comunicação e as transformações no mundo do trabalho. Valemo-nos aqui da investigação realizada por Fernando Gastal sobre o *burnout*, aproximando as análises clínico-biográficas da análise sócio-organizacional, desde uma perspectiva sartriana (2012, p. 368). Gastal chega a resultados semelhantes aos de Ehrenberg e outros pesquisadores das patologias do mal-estar contemporâneo. As transformações do mundo do trabalho ocorrem em paralelo às transformações tecnológicas e à absorção de um discurso de uma otimização do tempo e da realização de um ideal irrealizável de si, comprometendo a formação de grupos e as ações políticas comuns.

A partir das ponderações que fizemos com base nos três aspectos destacados – (i) a popularização dos programas de televisão, (ii) a transformação provocada pelo “paradigma da informação” e (iii) o uso das telas de celular – a fim de mostrar a atualidade da perspectiva sartriana, entendemos que ela nos leva a interpretar com certa desconfiança o otimismo pós-moderno relacionado às novas redes sociais. Afirmações como a de que a democracia se




favorece desse panorama ou de que estamos vivendo um declínio do individualismo seriam, na esteira do pensamento de Sartre, altamente problemáticas. Vejamos alguns exemplos.

Em *A era do vazio*, Gilles Lipovetsky mostrou-se um defensor de que a democracia seria favorecida no contexto da hipermodernidade. “À medida que o narcisismo cresce, a legitimidade democrática leva a melhor, ainda numa modalidade *cool*; os regimes democráticos, com o seu pluralismo partidário, o seu direito à oposição e à informação, mantêm um parentesco cada vez mais estreito com a sociedade personalizada do *self-service*, do teste e da liberdade combinatória”. (Lipovetsky, 1989, pp. 120-121). Quando este livro foi originalmente publicado, em 1983, uma tal afirmação poderia parecer altissonante e verdadeira. Bastaram algumas décadas para se mostrar anacrônica e falaciosa. Nada ameaça mais a democracia na atualidade do que o individualismo alimentado pelas novas mídias.

Outro exemplo pode ser encontrado em *O tempo das tribos – O declínio do individualismo na sociedade de massas*, onde Michel Maffesoli afirma que o individualismo cedeu lugar ao “tribalismo” das novas conformações sociais e que houve uma “saturação” do individualismo (Maffesoli, 2006, p. 15). Curiosamente, o autor vê como promissores o que ele chama de “narcisismo de grupo”, fruto de um arcaísmo pós-moderno, que representa “a paixão comunitária” e a “junção do arcaísmo e da vitalidade” (Maffesoli, 2006, p. 8 e 15). Além de deixar intocado o problema sobre como a formação de massas visivelmente convoca e reforça o individualismo na sociedade contemporânea, o autor rapidamente tornou-se obsoleto em sua estratégia otimista de exaltar um “arcaísmo” pós-moderno. Nos últimos anos, esse arcaísmo e sua “paixão comunitária” têm mostrado a sua face mais sombria com o uso das tecnologias midiáticas em favor da extrema direita e do retorno ao discurso totalitário.

Nesse sentido, tomando-se como base a perspectiva sartriana, o traço otimista comum a certos teóricos pós-modernos, segundo o qual a democracia se vê favorecida pela sociedade do consumo e pelas novas tecnologias de rede, incorre em um grave erro. São teorias construídas em um momento de consolidação das democracias neoliberais que, apesar de reconhecer o narcisismo constitutivo de uma sociedade atravessada pelos valores do consumo, estavam ainda apoiadas sobre os influxos positivos do capital especulativo. Uma vez instaurado um cenário de amplificação da escassez com a perda e o esvaziamento repentino de capitais, desemprego elevado decorrente da automação e a destruição global do meio ambiente, o estranho otimismo pós-moderno termina por revelar a sua verdadeira face: tratava-se de uma defesa do neoliberalismo, o qual, em época de penúria, tende a endurecer e a flertar com a extrema direita.




Recentemente, Byung-Chul Han enfrentou o tema das redes sociais no livro *No enxame* (2016), colocando em evidência, a partir da perspectiva da psicopolítica, importantes aspectos das novas conformações das relações a um novo tipo de massa, ou “enxame digital”. Um destes aspectos é o que ele chama de olhar sem distância através do espetáculo. “Uma sociedade sem respeito, sem o *pathos* da distância, desemboca numa sociedade do escândalo”. (Han, 2016, p. 13). Uma das razões para esse fenômeno, que pode ser exemplificado pelas *shitstorms*, é o fato de que, segundo Han, a interconexão digital favoreceria a comunicação simétrica.

Hoje, os participantes na comunicação não consomem as informações de modo simplesmente passivo, mas geram-nas ativamente também eles próprios. Não há qualquer hierarquia inequívoca que separe o emissor do receptor. Cada um é emissor e receptor, consumidor e produtor, ao mesmo tempo. (Han, 2016, p. 15).

Com efeito, ocorre nas redes sociais a inserção e a participação do “indivíduo qualquer” nos chats de discussão, nos debates e nos processos virais de divulgação de informações, mas isso não significa que eles estejam menos sujeitos aos processos de serialização e de domínio do prático-inerte, os quais retornam sobre os participantes muitas vezes sem que estes os percebam. Além disso, é preciso interrogar qual é o preço da participação em uma rede social. Há efetivamente uma comunicação simétrica, ou a aparência de uma comunicação simétrica? Considerando que todos os dados, interesses, escolhas e movimentos são registrados, no mínimo é necessário perguntar exatamente em que esfera ocorre a “simetria” afirmada por Han. Por trás da aparente simetria, opera um gigante sistema de coleta e venda de dados sobre o comportamento dos usuários, que pode ser melhor compreendido à luz do conceito de “extero-condicionamento” oferecido por Sartre.

Considerações finais

Filósofo da liberdade existencial, Sartre apresenta na *Crítica da Razão dialética* o desafio de pensar a liberdade existencialmente situada desde a dialética material na qual se efetua a práxis concreta do ser humano. É nesse contexto de sua obra que o pensador desenvolve um exame mais aprofundado da formação dos conjuntos sociais. De acordo com a abordagem sartriana, vimos que os meios de comunicação em massa aparecem à experiência crítica como formação de coletivos indiretos, marcados pela relação de ausência, cuja estrutura serial pode estar a serviço do extero-condicionamento e da manipulação sobre as coletividades.




Em seguida, procuramos interrogar sobre a pertinência da perspectiva sartriana na atualidade. Tomamos para esta avaliação três aspectos: i) a popularização dos programas de televisão, (ii) a transformação provocada pelo “paradigma da informação” e (iii) o uso das telas de celular. Procuramos mostrar, a cada passo, que as novidades tecnológicas não suplantaram ou modificaram a essência da lógica de funcionamento serial das mídias, mas a aprofundaram e tornaram mais complexa.

O grande triunfo das redes, a sua grande força de sedução, atualmente, é fazer com que cada um se sinta ativo, quando nada mais faz, a cada publicação, do que se tornar mais escravizado e preso à imagem de si. Por isso não nos surpreendemos com o aumento do culto narcísico de si, com o vazio existencial declarado a todo instante, com o aumento das taxas mundiais de depressão, com o aumento de consumo de psicotrópicos.

A nossa época encontra-se marcada pela profusão de transtornos atencionais, perda da capacidade de se relacionar socialmente sem a intervenção de aparelhos eletrônicos, fobia da perda do celular (*nomobile fobia*), esgotamento psíquico decorrente do trabalho, estresse, tristeza, vazio e sentimento de solidão. A relação entre esses sintomas, estados ou afecções e o uso contemporâneo das redes sociais, com seus efeitos seriais, mereceria um estudo específico a partir do método construído a partir da dialética crítica.

Referências

- BAUDRILLARD, Jean. *Tela total – Mito-ironias da era do virtual e da imagem*. 2ª ed. Trad. Juremir Machado da Silva. Porto Alegre: Sulina, 1999.
- CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. Vol. 1 – A era da informação: economia, sociedade e cultura. 6ª ed. Trad. Roneide Venancio Majer. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- CASTRO, Fabio Caprio Leite de. *A ética de Sartre*. São Paulo: Loyola, 2016.
- EHRENBERG, Alain. *Le culte de la performance*. Paris : Hachette, 1991.
- EHRENBERG, Alain. *L'individu incertain*. Paris: Hachette, 1995.
- GASTAL, Fernando. *Fracasso do projeto de ser. Burnout, existência e paradoxos do trabalho*. Rio de Janeiro, 2012.
- HAN, Byung-Chul. *No exame – Reflexões sobre o digital*. Trad. Miguel Serras Pereira. Lisboa: Relógio d'água, 2016.
- LIPOVETSKY, Gilles. *A era do vazio*. Trad. Miguel Serras Pereira e Ana Luísa Faria. Lisboa: Antropos, 1989.

- 
- MAFFESOLI, Michel. *O tempo das tribos – O declínio do individualismo nas sociedades de massa*. Trad. Maria de Lourdes Menezes. 4ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.
- MOURA, Carlos Eduardo de. *Psicanálise existencial, existencialismo e história – A dimensão sócio-material e a autenticidade no processo da construção de si*. Curitiba: CRV, 2017.
- PERDIGÃO, Paulo. *Existência & Liberdade – Uma introdução à filosofia de Sartre*. Porto Alegre: L&PM, 1995.
- SANTOS, Vinícius dos. “Vida serial, êxtero-condicionamento e ideologia: uma análise dos ‘mass media’ pela ótica de Sartre”, *Revista Sísifo*, nº 5, 2017, pp. 96-113.
- SARTRE, Jean-Paul. *L’Être et le Néant – Essai d’ontologie phénoménologique*. Paris: Gallimard, 1943.
- SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la Raison dialectique. Tome I – Théorie des ensembles pratiques*. Paris : Gallimard, 1960.
- SARTRE, Jean-Paul. *Critique de la Raison dialectique. Tome II – L’intelligibilité de l’histoire*. Paris : Gallimard, 1985.
- SILVA, Franklin Leopoldo. “Para a compreensão da história em Sartre”. *Tempo da Ciência*, vol. 11, nº 22, 2004, p. 25-37.

Recebido: 13-02-2020

Aceito: 06-08-2020